



DOUGLAS BALÁS DO AMARAL FONSECA

**INFLUÊNCIA DE ASPECTOS AMBIENTAIS NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

LAVRAS – MG

2020

DOUGLAS BALÁS DO AMARAL FONSECA

**INFLUÊNCIA DE ASPECTOS AMBIENTAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Graduação em Educação Física, para obtenção do título em Licenciatura.

Prof. Dr. Raoni Perrucci Toledo Machado

Orientador

LAVRAS – MG

2020

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caminhada Ecológica	18
Figura 2 - Escalada na escola com parede de escalada.....	20
Figura 3 - Escalada adaptada na escola	22
Figura 4 – Slackline.....	23
Figura 5 - Slackline adaptado usando a segunda corda.....	24
Figura 6 - Slackline adaptado com o apoio do professor	24

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVO GERAL	6
3. METODOLOGIA	7
4. REFERENCIAL TEÓRICO	7
4.1 Educação Ambiental	10
4.2 Desenvolvimento Sustentável	11
4.3 Esportes de Aventura	12
4.3.1 Dimensão Conceitual, Procedimental e Atitudinal	15
5. ALGUMAS POSSIBILIDADES A SEREM ABORDADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	16
5.1 Caminhada Ecológica	17
5.2 Escalada	19
5.3 Slackline	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

Por sempre ter residido em cidade interiorana e ter crescido muito próximo ao contato com a natureza, pude observar de perto o envolvimento dos indivíduos com os recursos naturais de forma supérflua, por meio da cultura adquirida através das gerações. Neste momento busquei me aprofundar em assuntos de cunho ambiental pois intrinsicamente sabia que aqueles recursos eram esgotáveis e a partir deste pensamento e através da crescente preocupação com os aspectos ambientais em geral, me vi disposto a começar uma graduação em alguma área que estivesse ligada a preservação ambiental. Assim, tive a oportunidade de ingressar no curso de Gestão Ambiental, onde adquiri conhecimento necessário que me fez ficar ainda mais próximo da responsabilidade de todos os indivíduos com o meio ambiente, bem como da forma que gerenciamos os nossos recursos naturais.

Conceber o ser humano em sua totalidade, entendendo o corpo a partir da indissociabilidade através de suas outras dimensões como por exemplo cognitiva, histórica e cultural dentre outras, me despertou para o conhecimento e uma cultura de qualidade de vida diretamente ligada as questões ambientais, conhecimento este que adquiri através de minha formação como gestor ambiental.

É importante destacar a relevância dos aspectos ambientais e de sustentabilidade em qualquer área do conhecimento, e através da formação em Educação Física e por intermédio de disciplinas que discutiam o tema meio ambiente, pude observar conteúdos que se aproximavam da minha antiga formação em Gestão Ambiental. Percebi que as práticas corporais e atividades no meio ambiente através dos esportes de aventura, forneciam aporte para que se tornasse possível incrementação de conteúdos relacionados a educação ambiental, sustentabilidade e demais realizações que não se limitassem apenas a prática corporal através dos esportes de aventura. Ao longo da minha formação como gestor ambiental tive a oportunidade de estagiar e posteriormente trabalhar junto ao Instituto Estadual de Florestas – IEF com palestras de educação ambiental com alunos das escolas municipais de São Lourenço - MG, fato este que me levou a ter uma percepção diferente sobre a construção de significados que os alunos tinham sobre as questões ambientais. Apesar de mostrar determinados interesses, o que mais se via durante minhas palestras eram movimentos corporais e tive que me adaptar a linguagem corporal para gerar sentido ao conteúdo de educação ambiental que tinha proposto, para isso utilizava de caminhadas ecológicas, imitações de animais e árvores, atividades rítmicas para que

os alunos interagissem com o ambiente em que estavam inseridas, e demais alternativas para que pudesse ter sucesso na minha tarefa. Através dessa experiência me interessei pelo campo da licenciatura e me levou a entrar em mais uma graduação, desta vez em Educação Física pela Universidade Federal de Lavras – UFLA.

Nesta formação me identifiquei justamente pelas disciplinas que envolviam o meio ambiente e demonstravam a nova tendência dos esportes de aventura/ esportes na natureza, porém, me deparei com muito conteúdo que era específico da área do lazer, com atividades menos voltadas aos aspectos ambientais na Educação Física escolar, o que me levou a aprofundar nessa necessidade e propor alternativas para que esse conteúdo seja aproximado no campo da licenciatura e que possam gerar sentido para os alunos, se apropriando de conceitos que não se limitam a prática corporal, mas que possam incluir assuntos pertinentes ao mundo contemporâneo, que busquem trazer a importância do pensamento individual e coletivo na mudança de hábitos destrutivos ao meio ambiente e como essa destruição tem impacto negativo na vida de cada indivíduo, gerando pessoas mais críticas quanto a sua responsabilidade no meio em que vive.

O estudo tem por intenção apresentar uma reflexão sobre as atividades na natureza como uma novidade comparado aos conteúdos tradicionais que são demasiadamente mais utilizados na Educação Física escolar, e será realizado através de uma pesquisa bibliográfica que vise relacionar a realidade da Educação Física escolar ao meio ambiente e atuar na formação de alunos conscientes da importância de questões ambientais, tornando-os portanto, indivíduos capazes de tomarem decisões ecologicamente viáveis para o equilíbrio do meio externo, possibilitando um olhar diferente sobre os efeitos positivos do desenvolvimento sustentável em suas próprias vidas e no desempenho de práticas corporais e é esperado que as manifestações de aspectos ambientais tenham forte influência nas práticas corporais exercidas pelos alunos nas aulas de Educação Física, sendo que os mesmos interagem diretamente com o meio em que vivem, influenciando e sendo influenciado sobre ele.

2. OBJETIVO GERAL

Buscar compreender os fatores ambientais que influenciam na prática de atividades na Educação Física Escolar, tais como a construção de significados de cunho ambiental através das aulas de Educação Física, compreendendo a influência dos espaços

das aulas na aproximação com o meio ambiente, abrindo discussão sobre a importância da Educação Ambiental e sustentabilidade na formação do aluno e se apropriando das práticas corporais para apresentar os esportes de aventura como alternativa a ser abordada pelos professores de Educação Física.

3. METODOLOGIA

O presente estudo tem por base os preceitos do estudo exploratório, por meio da pesquisa bibliográfica para o levantamento de obras na literatura, que segundo Gil (2008) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” e através de uma abordagem qualitativa que para Minayo (2001) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Essa metodologia possibilita a detecção de tendências, recorrências ou brechas no campo do estudo investigado a partir das literaturas investigadas.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Nota-se que os veículos de comunicação em massa, em especial a TV, tem provocado grande influência entre os mais jovens, que passaram a ser vistos como pequenos consumidores, e a cada dia são alvo constante de propagandas. Tudo é meticulosamente pensado e planejado para atingir o objetivo único de aumentar o consumo entre eles. Este consumo desenfreado remete a vários fatores causadores de concentração de problemas revertidos aos indivíduos, podendo gerar inconvenientes imediatos ou futuros. Entende-se que o papel da instituição escolar seja viabilizar conhecimento e experiências relativos a praticas significativas de preocupações ao bem-estar social. Snyders (1988) afirma a existência possível de uma escola alegre; afirma a possibilidade da alegria como sentimento que floresce do ato de conhecer. Não fala de uma alegria frívola, de fazer o que se gosta e por isto sentir alegria. Fala da alegria da descoberta, da alegria de se aproximar do que é mais elaborado, do que é difícil, daquilo que não seria possível sem o professor e sem a escola. Afirma assim, para a escola, os saberes científicos, técnicos e estéticos e a escola como algo diferente da vida corrente e, exatamente por isto, desafiador.

O presente estudo visa contemplar o processo no qual se incluem todas as esferas da Educação Física escolar, que por sua vez, sendo parte da educação e do processo de educar na instituição escolar, traz consigo a possibilidade de exploração do tema meio ambiente, visto que as práticas corporais podem ser exercidas em comunicação e em plena interação com o mesmo através de argumentos que serão utilizados nesta pesquisa. Sendo assim é justo que os profissionais estejam focados em transmitir a importância da preservação dos recursos naturais, podendo ter influência significativa na consciência ambiental de cidadãos, seja na escola ou em práticas recreativas, como propõem Domingues e seus colaboradores (2011, p. 566):

Portanto, na perspectiva ambiental é que a Educação Física oriente seu trabalho para a valorização da produção cultural do cotidiano, de forma crítica, problematizando o conhecimento, a partir de elementos da cultura, ou seja, do que foi construído historicamente, o que faz sentido e o que valoriza a vida.

É notada também a preocupação em verificar as possibilidades de interferência de fatores como a temperatura ambiente relacionada as práticas corporais, adequação quanto a estrutura nas quais as aulas são realizadas, condições a qual o indivíduo afere interferência durante a pratica das aulas de Educação Física e o papel da educação ambiental na formação dos alunos, como destaca Azevedo (1995) relatando que a existência de barulhos perturbadores, odores desagradáveis, frio, calor intenso e chuva, são os fatores ambientais que frequentemente atrapalham as aulas de Educação Física escolar.

Através do processo de formação acadêmica com a oferta de disciplinas que aprofundam na relação entre o indivíduo e a natureza, o saber adquirido nos leva a considerar a importância de olhar em diversas perspectivas as manifestações de aspectos ambientais como um todo, as relacionando com as práticas corporais nas aulas de Educação Física e buscando se adaptar à realidade escolar. Neste contexto, após verificar a possibilidade de aprofundar no tema, surge o interesse em abordar a relação de como o aluno interage com o meio ambiente e se faz parte do mesmo durante a aprendizagem dos conteúdos, bem como o papel que a Educação Física exerce na aproximação com o conteúdo da educação ambiental e métodos alternativos da cultura corporal do movimento que implicam em possibilidades ambientais.

É também necessário compreender as possibilidades de práticas pedagógicas pertinentes à Educação Física que levem a compreender atitudes e valores sociais que estimulem a participação ativa na melhoria da qualidade de vida por meio da preservação

do meio ambiente. Toma-se por necessário evidenciar a importância da preservação e conservação ambiental e seu reflexo no desempenho de atividades físicas, compreendendo aspectos da influência de alterações climáticas nas práticas corporais e relações entre o corpo e o ambiente e o papel da unidade didática Esportes na Natureza como método de ensino nas aulas, de forma que a dinâmica traga significado ao conteúdo das abordagens.

É possível identificar relações significativas ao redor dos conteúdos relacionados a Educação Física e os aspectos ambientais. Nota-se que a discussão se dá ao redor da interferência humana na renovação dos recursos naturais, ao passo que este fenômeno se compõe através da história por meio da produção, do consumo desenfreado, da problemática do lixo, da ação humana como fator de desequilíbrio climático e ambiental e as consequências dessas mudanças na vida de todos os seres no planeta, no retorno que esses fenômenos propiciam na qualidade de vida do ser humano.

Apesar de dada importância de preocupação com o equilíbrio dos aspectos ambientais, tanto quanto a exploração desenfreada dos recursos naturais, as medidas são recentes. Em 1972, na conferência de meio ambiente de Estocolmo, primeira mobilização mundial a discutir a preservação do meio ambiente, em seu Princípio 19 ressalta que:

É indispensável um esforço para a educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiado, para fundamentar as bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades inspirada no sentido de sua responsabilidade sobre a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana. É igualmente essencial que os meios de comunicação de massas evitem contribuir para a deterioração do meio ambiente humano e, ao contrário, difundam informação de caráter educativo sobre a necessidade de protegê-lo e melhorá-lo, a fim de que o homem possa desenvolver-se em todos os aspectos (DECLARAÇÃO DA CONFERÊNCIA DE ONU NO AMBIENTE HUMANO. ESTOCOLMO. 5-16 de junho de 1972).

É notável que a instituição escolar como um todo exerce forte influência no desenvolvimento social do indivíduo, proporcionando novas experiências e o preparando para o meio social em que vive. Neste sentido, Cherkaoui (1986) nos informa que a exceção do mercado de trabalho e da família, nenhuma outra instituição social tem a capacidade de exercer um poder tão desmesurado sobre o destino dos humanos como o sistema de ensino, onde passamos, dependendo da sociedade, mais de um terço de nossas vidas. Então podemos aferir que a escola exerce um papel muito importante na vida dos indivíduos, sendo, portanto, responsável pela disseminação de propostas inovadoras rumo

ao compromisso com a qualidade de vida. Assim, cabe a instituição escolar informar sobre as tendências de preocupação com as questões ambientais e atuar junto ao desenvolvimento sustentável, formando cidadãos mais conscientes.

Neste caminho os esportes de aventura servem como aporte teórico e prático para a inserção do aluno na natureza e nas questões que a envolvem sendo que objetivam comumente a aventura e o risco, realizadas em ambientes distantes dos centros urbanos, notadamente espaços com pouca interferência humana, sejam estes - terra, água e/ou ar. Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por uma busca do (re)estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como a cooperação e a solidariedade (INÁCIO, 2014).

4.1 Educação Ambiental

Para abordar o tema transversal meio ambiente, não poderíamos deixar de falar sobre a importância da educação ambiental neste processo, visto que a mesma é uma das formas mais eficazes de contemplar uma determinada população a acreditar na mudança de hábitos para a preservação da natureza. Desse modo a educação ambiental deve ser apropriada pelos professores para que ocorra o interesse mútuo entre o ambiente de aprendizado e que fortaleça os alicerces do conteúdo a ser transmitido através das práticas corporais.

De acordo com o Capítulo 36 da Agenda 21, a Educação Ambiental é definida como:

[...] desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhes são associados. Uma população que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar, individual e coletivamente, na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos[...]

Atentando-se a Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, é possível observar que a mesma apresenta em seu art. 1º que:

Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999 s/p).

Sendo assim, a Educação Ambiental, vista como uma parte da Educação voltada ao processo pedagógico dos aspectos ambientais, que visa a compreensão da perspectiva ambiental no sistema de ensino, apresenta uma característica educativa por visar sem distinção atingir a todos os indivíduos presentes nos aspectos pedagógicos do tecido social e visando um bem comum.

Em paralelo aos aspectos de relevância ambientais, a educação física já se atentava a saúde do corpo e da mente, prova disso é que por volta de um século e meio antecedentes, em 1823, Joaquim Antônio Serpa, elaborou o “Tratado de Educação Física e Moral dos Meninos”. Esse tratado postulava que a educação englobava a saúde do corpo e a cultura do espírito, e considerava que os exercícios físicos deveriam ser divididos em duas categorias: 1) os que exercitavam o corpo; e 2) os que exercitavam a memória (GUTIERREZ, 1972). Além disso, esse tratado entendia a educação moral como coadjuvante da Educação Física e vice-versa (GUTIERREZ, 1972).

Soares (1996, p. 7) ainda reitera que:

A Educação Física está na escola. Ela é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar uma outra ordem na escola.

Visto as suas origens, tanto a educação ambiental quanto à educação física visam preservar a vida, a qual é muito semelhante ao preceito de sustentabilidade, que segue o raciocínio de que o que é oferecido hoje deve ser preservado para os que virão a usufruir dos mesmos recursos futuramente, ou seja, a preservação da vida, pela vida. De acordo com Leff (2001, p. 31):

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da invenção do mundo; não só de um mundo no qual caibam muitos mundos, mas de um mundo conformado por uma diversidade de mundos, abrindo o cerco da ordem econômica-ecológica globalizada.

4.2 Desenvolvimento Sustentável

O Desenvolvimento sustentável começou a ser um termo discutido através da ótica da Constituição Federal de 1988 para conciliar o crescimento econômico e ao

mesmo tempo reduzir os problemas socioambientais. O ápice dos assuntos voltados a preservação do meio ambiente com a Eco92, que aconteceu no Rio de Janeiro no ano de 1992, onde cerca de 180 chefes de estado e de governo se reuniram no Riocentro, entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92) ou Cúpula da Terra (Jornal O Globo). Os assuntos discutidos na conferência, foram recorridos dos mesmos que vieram de Estocolmo, como a proteção aos solos, combate ao desmatamento, desertificação e seca, proteção da atmosfera, mudanças climáticas, proteção de áreas oceânicas e marítimas, conservação da diversidade biológica, controle de biotecnologia, controle de dejetos químicos e tóxicos erradicação de agentes patogênicos e proteção das condições de saúde. Daí se propõe um olhar mais concentrados relativos à proteção do meio ambiente e o uso consciente das matérias não renováveis.

Em um contexto geral, é possível associar a Educação física ao meio ambiente e suas relações sustentáveis a partir de elementos que indiquem uma influência direta nos dois campos. O meio ambiente, temperatura e as aulas de Educação Física podem ser relacionados e trabalhados nas aulas através da incidência de sol e chuva em ambientes não cobertos e as soluções para a diminuição das interferências negativas dos fatores climáticos. Os procedimentos podem ser feitos através do plantio de árvores, em caso de sol excessivo. Nessas relações podem ser trabalhados alicerces para o desenvolvimento de temas a serem trabalhados como a saúde e meio ambiente, o espaço disponível para as aulas de Educação Física, bem como nos esportes de aventura que estão diretamente ligados a práticas em meio a natureza. Costa (2000) constata que a opção por modalidades esportivas sob a ótica ambientalista tem como motivação a superação de obstáculos na busca do autoconhecimento, da autorrealização, da satisfação pessoal, nas quais são reintroduzidas as noções de jogo e de prazer, tais como a fantasia, o desejo, o sonho, o desafio e a vertigem.

4.3 Esportes de Aventura

É possível observar na literatura a existências de diversas terminologias para representar este tipo de pratica corporal. Através deste vasto campo de terminologias é interessante que revisemos alguns de seus conceitos. Neste sentido, Uvinha (2005) nos traz a terminologia Turismo de Aventura, que de acordo com o autor se dá através de uma relação entre oferta e demanda. Esse tipo de atividade é realizado por meio de pessoas

que mantem motivações peculiares, que se torna viável por uma infraestrutura e recursos humano com especialidade em implementar uma experiência que traga desafio, em uma perspectiva do turismo.

Marinho e Bruhns (2003), sugerem a terminologia Atividades de Aventura na Natureza, que remete que essas atividades se desenvolvem por meio de um conjunto da manifestação de diversas práticas corporais, com características inovadoras e nos momentos de lazer, fazendo com que se diferenciem dos esportes tradicionais. É mencionado também que as condições da prática, a motivação, os meios utilizados e os objetivos para o desenvolvimento são outros e citam a presença de equipamentos tecnológicos inovadores que permitem a aproximação do sujeito que pratica e o espaço destinado as práticas. Deste modo, pode-se entender que essas atividades são atividades que aferem riscos e perigos, que devem ser se possível, calculados.

Pereira e Armbrust (2010), adotam a terminologia Esportes Radicais que remete a uma classificação geral das práticas corporais que ligam dois conteúdos em específico: O esporte de Ação e o Esporte de Aventura. Os autores tratam que os Esportes de Ação se dividem em aquáticos, aéreos, terrestres e urbanos. Os esportes aquáticos englobam o Surfe, Windsurf e Kitesurf; os esportes aéreos englobam o Base Jump, SkySurf; os terrestres englobam o Bungeejump, Sandboarding e os urbanos englobam a Escalada Indoor, Skate, Patins, Roller, Bike Trial e bmx. Já os Esportes de Aventura se dividem em aquáticos, aéreos e terrestres, sendo que nos aquáticos se englobam o mergulho livre e autônomo, canoagem, rafting, caiaque, aquaride e canyoning, os aéreos englobam o Paraquedismo, Balonismo, e Voo Livre e por fim, os terrestres englobam o Montanhismo, escalada em rocha, escalada em gelo, técnicas verticais, tirolesa, arborismo, rapel, mountainbike, - Down Hill, Cross Country, Trekking e Parkour.

Neste estudo, será utilizado o termo Esporte de Aventura. De acordo com Pereira (2015) para que seja possível o entendimento da origem desta definição se remete ao estabelecido pela Unesco (2014) que concebe o esporte como um fenômeno que se apresenta a partir de três vertentes: O rendimento, que se refere a competição; A participação, se referindo ao lazer e condicionamento voluntario ou saúde e a Educação, se referindo a formação do Sujeito. O Esporte de Aventura ainda é visto como uma prática corporal relacionada ao meio ambiente e desenvolvida de acordo com as condições de risco calculado (BRASIL, 2007). Entende-se como risco calculado, a possibilidade de algo ocorrer através de uma situação perigosa, diferente da definição de “perigo”, que é

uma situação de ameaça à existência de uma pessoa ou coisa, ou uma fonte potencial de dano (PEREIRA; ARMBRUST, 2010).

O esporte de aventura surge a partir de novas ideias centradas na aproximação com a natureza, no lazer e na melhoria da qualidade de vida, fatores estes, que buscam substituir os de competição, rendimento, alta performance e treinamento esportivo. Tahara (2004), classifica as Atividades Físicas de Aventura na Natureza, como toda e qualquer atividade feita em meio natural, portadora de características peculiares, envolvendo os aspectos do risco controlado, das vivências lúdicas numa busca pelas sensações e emoções junto ao meio ambiente. Neste sentido, Costa (2000) corrobora que os esportes de aventura tratam-se de práticas físicas inovadoras e diferenciadas, que, ao contrário das modalidades de esportes clássicos, como o vôlei, o basquetebol e o futsal, impõem o esforço gerador da atividade ao atleta. O esporte de aventura se vale das energias provenientes dos elementos da natureza, como vento, ondas térmicas, correntezas, declives de montanha (surf, rafting, canoagem, asa delta, ski, entre outras), ou, ainda, de uma força energética exterior, proveniente de uma máquina motorizada (motociclismo, automobilismo, ultraleve, ski náutico). Assim, por meio de intensa fusão entre o corpo do praticante e a força energética da natureza, torna-se possível a realização de movimento, levando-o a associar sua performance num equilíbrio dinâmico na efetivação da prática de uma dada modalidade de esporte de aventura com êxito.

Partindo do princípio que o esportes de aventura é uma unidade didática pertinente a Educação Física, pode-se adotar pedagogicamente as questões ambientais e de sustentabilidade no desenvolvimento de suas atividades, recorrendo as atividades na natureza para viabilizar os conceitos de aproximação do indivíduo com o meio ambiente e abordar em uma perspectiva geral, o impacto que a atitude individual e coletiva gera no meio ambiente.

A Educação Física como área de conhecimento e fonte de intervenção social está apta a abordar temas transversais como o meio ambiente e os esportes de aventura que incluam a intervenção dos aspectos ambientais associado a práticas corporais, sendo que as atividades na natureza proporcionam ao professor de Educação Física um ambiente propício para que seja realizado este trabalho. É fato que o professor pode e deve se adaptar ao contexto escolar a que está inserido, se apropriando do local disponível para possíveis adaptações, ou seja, cabe ao professor, adaptar o esporte de aventura e as práticas na natureza de acordo com a realidade da escola, buscando criar pontes e construir ideias e estratégias para serem debatidas nas aulas para que o aluno compreenda

a prática que realizará durante as atividades. Para isso, entende-se que é importante que o conteúdo das aulas seja elaborado através das três dimensões do conhecimento: conceitual, procedimental e atitudinal, pois estão ligadas diretamente ao processo de ensino e aprendizagem (DARIDO; RANGEL, 2005).

4.3.1 Dimensão Conceitual, Procedimental e Atitudinal

Para entendermos as possibilidades de trabalhar temas transversais como o meio ambiente é necessário estabelecer princípios que servirão de base para a realização do trabalho, sendo assim, as abordagens conceituais, procedimentais e atitudinais oferecem aporte teórico e prático para os profissionais de Educação Física quanto a didática a ser aplicada em suas aulas.

Neste sentido, tanto os esportes de aventura, os temas ambientais e as práticas corporais devem ser trabalhado de forma conceitual, procedimental e atitudinal nas aulas de Educação Física, ou seja, as questões seriam “o que se deve saber?”, “o que se deve saber fazer?” e “como se deve ser?”. Essas três dimensões também são trabalhadas com os conteúdos das outras disciplinas e não só com a Educação Física (CAPAVERDE; MEDEIROS; ALVES, 2012).

De acordo com Coll (2000) a dimensão conceitual do ensino pode ser entendida através de fatos, objetos ou símbolos que têm características comuns. Seu processo de aprendizagem faz com que o aluno seja capaz de utilizá-los para a interpretar, compreender ou expor um acontecimento ou contexto. Assim, Pozo (2000), simplifica o entendimento, afirmando que o aluno aprendeu um conteúdo conceitual quando ele aprendeu o seu significado.

É possível adotar a dimensão conceitual para buscar aproximar o aluno das questões ambientais e os esportes de aventura, buscando pedagogicamente que o aluno conheça as transformações pelo qual a sociedade passou em relação aos hábitos de vida, diminuindo o trabalho de esforço físico com a chegada de novas tecnologias e métodos industriais de produção, relacionando com a necessidade de hábitos de vida mais saudáveis e que incluem a (re) aproximação ao meio ambiente, bem como a importância da atividade física para os dias atuais; Conhecer a origem e as mudanças pelas quais passaram os esportes na natureza; conhecer o modo correto de praticar os esportes de aventura e trazer significado ao processo, entre outros.

Foi observado também que os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) nos trouxeram que os conteúdos conceituais e procedimentais mantêm uma grande proximidade, sendo que o objeto central da cultura corporal de movimento se dá em torno do fazer, do compreender e da percepção corporal. Deste modo a dimensão procedimental se baseia em propor reflexões sobre os conceitos do tema proposto para as aulas para que traga significado ao conteúdo.

Darido (2008) se atenta aos diversos aspectos da dimensão atitudinal dos conteúdos que podem ser desenvolvidos durante as aulas de Educação Física. São eles a valorização do patrimônio de jogos e brincadeiras em seu contexto; respeito aos adversários e colegas; resolução de problemas com atitudes de diálogo e não violência; estímulo à participação das atividades em grupos, cooperando e interagindo, reconhecendo atitudes não preconceituosas quantos aos níveis de habilidade, sexo, religião, entre outras.

5. ALGUMAS POSSIBILIDADES A SEREM ABORDADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Através da perspectiva das dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais é possível desenvolver possibilidades que auxiliam na realização de atividades que englobem o tema transversal meio ambiente e suas ramificações através de problematizações por meio das práticas corporais. Assim, o professor de Educação Física deve sempre se atentar as adaptações pertinentes ao conteúdo que deseja explorar, prezando sempre a segurança e o objetivo da abordagem utilizada.

Santos (2006), nos diz que a escola é um ambiente de aprendizagem onde necessita cada dia renovar e criar conceitos, conduzindo o aluno a ter sua própria percepção, conhecendo suas finalidades e não apenas praticando. É esperado que os professores de Educação Física realizem um processo de adaptação do esporte aventura de acordo com a realidade de sua escola, buscando aproximar o conteúdo e trazer novas oportunidades a serem contextualizadas em suas aulas trazendo sentido ao trabalho que será realizado.

Deste modo, Franco (2010) nos diz que é possível oferecer novas abordagens que somam um novo conhecimento nas aulas de Educação Física, onde pode ser oferecido sensações e experimentos que trazem emoções ao aluno, mesmo que a prática desta

abordagem de aula venha ser adaptada às estruturas da escola, sendo possível transferir o aprendizado e conhecimento pra cada um.

Assim, podemos aferir que apesar dos esportes de aventura parecerem distantes da realidade da maioria das escolas, existem métodos alternativos que poderão ser abordados e que tragam um pouco da experiência da prática destes esportes, oferecendo um conteúdo diferenciado e produzindo conhecimento acerca do meio ambiente, o que favorece a integração dos temas relacionados a sustentabilidade e educação ambiental, gerando conteúdo que possa aproximar o aluno dos cuidados com a natureza.

Pereira e Monteiro (1995) ainda corroboram que o esporte de aventura é uma somatória com outros esportes dentro da instituição escolar, cujo objetivo educacional na prática é favorecer o desenvolvimento humano com processos pedagógicos que englobam competências cognitivas, psicomotoras e socioafetivas.

Moreno e Machado (2006) complementam que ao estabelecer práticas específicas do esporte nas aulas de educação física, destacando o lazer em sua vivência, pode criar novos caminhos por gostar, praticar e se sentir bem, e não por um cumprimento só da aula.

A partir destes conceitos, nos próximos tópicos, serão abordados alguns conteúdos que podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física que liguem as perspectivas ambientais aos esportes de aventura, construindo uma ponte para o saber da cultura corporal do movimento e dos aspectos ambientais como um todo.

5.1 Caminhada Ecológica

A caminhada ecológica baseia-se em uma atividade educativa que contempla os princípios ambientais e ecológicos que envolvem a todo momento praticas corporais, trazendo consigo a prática da Educação Ambiental como um processo crítico de sensibilização e aprendizagem atentando a mudanças de atitudes perante o meio ambiente, atuando também na difusão de conhecimentos acessíveis aos alunos de forma emancipatória.



Figura 1 Caminhada Ecológica.

Fonte: Google Imagens

O professor de Educação Física deve atuar com os alunos primeiramente realizando um debate sobre as mudanças climáticas levando em consideração as atitudes do ser humano que interferem diretamente neste processo, se atentando aos efeitos dessas mudanças na prática de exercícios físicos, bem como na relação com a qualidade de vida, apresentando notícias que revelem a veracidade destes fatos, também é importante que se fale sobre a importância da preservação da fauna e flora no equilíbrio da vida em geral, seja ela humana, animal ou vegetal e o quanto isso interfere diretamente na vida de cada um. Essa primeira abordagem se feita de maneira correta poderá gerar engajamento da turma para uma visita posterior a algum local adequado para o desenvolvimento de atividades na natureza que caracterizem a importância da conservação do meio ambiente na qualidade de vida de todos. O mais importante deste processo inicial é esclarecer que os próprios alunos são os principais agentes do processo de preservação do meio ambiente e que as ações tomadas por eles são cruciais para que todos tenham uma vida em equilíbrio com a natureza, sendo que para isso eles mesmos devem reconhecer a importância da conservação do meio ambiente para a melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

A partir desta apresentação inicial, podemos abordar na prática estes conceitos elaborados teoricamente e fazer com que estes alunos interajam diretamente com o meio ambiente, propondo uma visita a áreas verdes e promovendo a caminhada ecológica até mesmo em torno da escola ou através de um agendamento em algum parque ou área de conservação, este processo pode ser um pouco difícil de ser adaptado a realidade escolar, mas é importante que o professor de Educação Física esteja disposto a atuar como um

agente da mudança e procurar meios que agreguem valor ao conteúdo, para isso é necessário que tenha um esforço em busca da melhor adaptabilidade ao meio em que realizará as atividades, visto que a partir do envolvimento do professor o conteúdo ficará mais rico em qualidade e envolvimento da turma.

Para dar início ao planejamento é importante que o professor estabeleça o mapeamento do local que será realizada a caminhada ecológica e identificando o trajeto e o habitat pertencente a ele, bem como que realize uma discussão prévia dos itens que serão úteis neste processo como uma bússola, boné (em caso de incidência de sol), tênis, vestimentas adequadas, entre outros. Este processo demandará necessidade de adaptações de acordo com a realidade da escola, da turma e da realidade socioeconômica dos alunos. O importante é se atentar ao conteúdo e estabelecer a consciência coletiva, neste sentido é adequado que a elaboração deste conteúdo seja em forma de um debate prévio entre o professor e os alunos, de forma a estimular a criatividade da turma e gerar expectativa em relação ao conteúdo da aula, a partir disso será possível transportar o conhecimento teórico para a realidade de cada aluno, proporcionando também momentos de socialização e colaboração entre a classe.

Após planejado o percurso, materiais e adaptações o professor agirá como mediador da atividade, dividindo a turma em grupos e estabelecendo diversos desafios ao entorno do percurso que utilizem de práticas corporais, como por exemplo colocar bandeiras a serem capturadas, perguntas a serem respondidas pelos grupos durante os percurso, caça ao tesouro, imitações, entre diversos desafios que gerem engajamento da turma e também gerem movimentos corporais, que é o foco da Educação Física escolar.

Por fim, após a realização da caminhada ecológica, o professor deverá avaliar os alunos promovendo uma roda de conversa e debatendo os principais desafios encontrados, ressaltando a importância das atividades que realizaram e as atitudes que cada aluno presenciou que colabore na preservação do meio ambiente e na vida das pessoas, bem como sugerir que os mesmos elaborem um trabalho ressaltando as atividades que realizaram durante o percurso, através de histórias em quadrinhos ou texto.

5.2 Escalada

A escalada baseia-se no ato de subir ou escalar com objetivo de ir ao ponto mais alto de um determinado obstáculo, sendo que o fim é alcançar o topo de um ambiente vertical. Neste sentido Pereira (2007) corrobora que a escalada é uma manifestação da

cultura corporal que vem ganhando espaço na sociedade brasileira como diversas outras atividades físicas chamadas de aventura ou radicais.



Figura 2 - Escalada na escola com parede de escalada Fonte: Google Imagens

A intenção de destacar a prática da escalada neste estudo não é especificar a modalidade em si no seu ambiente natural, mas sim apresentar aos professores de Educação Física possibilidades da execução deste conteúdo dentro do ambiente escolar, de forma segura e com a pedagogia adequada. É notado que a maioria dos professores de Educação Física tem certo receio ao aplicar os conteúdos da escalada em suas aulas visto a complexidade que ela se dá no ambiente natural, entretanto existem diversas formas nas quais pode-se apropriar do seu conteúdo dentro do ambiente escolar e de forma segura e aplicada a pedagogia correta afim de proporcionar a experiência deste conteúdo para todas as idades de formas sistematizadas. A escalada já faz parte do cotidiano de crianças ao decorrer de seu desenvolvimento sendo que toda criança utiliza a escalada para interagir com o mundo a seu redor, sendo assim, é possível se apropriar deste conteúdo para as aulas de Educação Física e pensar em possibilidades de uma forma simples e segura e aplicar a escalada na escola.

Auricchio (2009) nos diz que a escalada chama a atenção dos alunos para uma nova experiência no âmbito escolar. Apresentar aulas ligadas aos esportes de aventura é uma forma de atrair o interesse da classe, mesmo que os alunos não tenham material próprio e adequado, a instituição escolar pode fornecer para o uso coletivo, em revezamento.

Caso a escola tenha disponibilidade de uma parede de escalada, existem algumas atividades que podem ser realizadas em forma de brincadeiras. Pereira (2007) apresenta algumas possibilidades de proposta dessas atividades:

- Pega-pega: É como o pega-pega comum, mas vertical – o pique é na parede de escalada. Não há número Máximo de participante.
- Guerra de escaladores: Todos na parede, um participante deve forçar a queda do outro empurrando ou puxando se violência. Pode ser feito com vários participantes, divididos ou não em equipes.
- Roubar o rabo: Os participantes prendem uma fita na parte de trás da cabeça, como um rabo. Sem descer da parede, devem tentar tirar as fitas dos colegas. Quem perde o “rabo” desce e é substituído por outro participante, retornando quando outra pessoa “perde o rabo”
- Jô-quei-pô: Os participantes são divididos em duas equipes, que devem começar a escalar de um lado da parede de travessia e atingir a extremidade oposta. Um participante de cada equipe começa a escalar, um da direita outro da esquerda. Quando se encontram jogam o tradicional Jô-quei-pô. Quem ganha continua e quem perde deve descer, enquanto outro parceiro da mesma equipe começa a escalar.
- Três-Três: um escalador faz três movimentos na parede que devem ser repetidos pelo escalador seguinte. Este criará mais três e assim por diante.
- Olhos vendados: O participante deve escalar de olhos vendados. Assim, desenvolve sensibilidade e força, já que se demora muito mais em cada movimento. Pode ser praticado sozinho, com alguém para fazer a segurança com a corda.
- Siameses: Duas pessoas escalam amarrados uma à outra, unidas pela cintura. Assim só conseguem progredir auxiliando-se mutuamente.
- Resta uma: Um participante escala escolhendo as agarras que quiser. O seguinte deve seguir o mesmo caminho do primeiro, mas usando uma agarra a menos que ele e assim por diante.
- Boulder com uma só mão: Cada uma cria um problema de Boulder e escala usando apenas uma das mãos. Depois tenta o mesmo caminho utilizando apenas a outra mão. Em seguida, cada participante tenta escalar os caminhos criados pelos outros.

- Via numerada: Cada agarra de uma via é marcada com um número, em sequência. O escalador deve seguir a numeração.

É importante que o professor se adeque as normas de segurança e esteja apto a apresentar este conteúdo para seus alunos, em posse de equipamentos de segurança. Caso a escola possua a parede de escalada, para uma prática segura, o professor tem que conhecer as técnicas e equipamentos utilizados nas atividades, como cadeirinha, fitas, freios, cordas, capacete, sapatilha e mosquetões.



Figura 3 - Escalada adaptada na escola

Fonte: Google Imagens

O contato dos alunos com este tipo de atividade pode desencadear uma serie de discussões sobre o meio ambiente, interagindo de forma que levem a conscientizar da importância da preservação dos recursos naturais e a importância de estar mais conectado ao meio ambiente. Neste sentido a escalada servirá de gatilho para que o professor possa impulsionar discussões ambientais durante a sua pratica, não sendo necessariamente apenas uma forma de pratica corporal, mas também um incentivo ao contato com o ambiente natural.

Sabemos, portanto, que nem sempre a escola oferece estrutura adequada para o desenvolvimento desse tipo de atividade, visto a complexidade da estrutura da parede de escalada. Neste contexto o professor deverá adaptar o conteúdo para as características estruturais da escola em que exerce sua profissão. O professor poderá se utilizar de uma escada do próprio prédio como forma de simulação da parede de escalada, usando de cartolina para demarcação dos espaços entre as pegadas, ou até mesmo usar o chão da quadra com simulação dos espaços das pegadas em giz de cera.

5.3 Slackline

O Slackline baseia-se em uma atividade executada em uma fita estreita e flexível de nylon ou de poliéster, presa em dois pontos fixos, onde são feitos movimentos em cima dela, esses movimentos podem ser estáticos ou dinâmicos. Dessa forma, é considerado um esporte considerado completo aliando a resistência física, a consciência corporal e a concentração.

O Slackline surgiu nos Estados Unidos, na década de 1980 no Vale de Yosemite. A partir daí, surgiu a ideia de esticar uma fita de seus equipamentos de escalar e tentavam equilibrar sobre elas, o que era para aperfeiçoar uma modalidade esportiva tronou-se um esporte mundial. Porém, o Slackline ficou com quase nenhuma exploração durante muito tempo aqui no Brasil e sua tendência ganhou forças a partir de 2010 nas praias brasileiras com surgimento de centros de treinamento e aprendizado de Slackline.



Figura 6 – Slackline

Fonte: Google Imagens

Considerado um esporte de aventura, o Slackline serve como um ótimo conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física, podendo ser explorado de diferentes maneiras. É possível adaptar o esporte, partindo do mais fácil para o mais difícil iniciando o processo apenas com uma corda ao chão, fazendo que os alunos passem por ela sem desequilibrar, à medida que a classe estiver dominando o percurso o professor pode dificultar aumentando a complexidade, inserindo uma segunda corda acima da primeira para que sirva de apoio para as mãos, facilitando o equilíbrio do aluno ou até mesmo

auxiliando o aluno com o apoio do próprio professor para que o aluno tenha equilíbrio necessário para a pratica do esporte até chegar a pratica do Slackline de forma completa.



Figura 7 - Slackline adaptado usando a segunda corda

Fonte: Google Imagens



Figura 8 - Slackline adaptado usando o apoio do professor

Fonte: Google Imagens

Partindo do princípio que o Slackline é praticado ao ar livre e com o suporte de árvores, torna-se possível a contextualização com a preocupação de preservação do meio ambiente, servindo como aporte a discussão sobre os problemas ambientais e direcionar o debate ao campo da Educação Ambiental e da sustentabilidade, visando assim atuar no pensamento crítico dos alunos afim de torna-los cidadãos mais conscientes com relação a preservação dos recursos naturais e meio ambiente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, portanto, que na contemporaneidade existem muitas dificuldades dos professores de Educação Física ao abordarem novos conteúdos além dos esportes tradicionais em suas aulas. Nessa perspectiva os esportes de aventura aparecem como uma alternativa no ensino não só das práticas corporais como também como um aporte na introdução das questões ambientais no âmbito escolar, atuando em multidisciplinaridade e formando alunos conscientes com os problemas enfrentados na natureza. Discutir questões socioambientais aliado a Cultura Corporal do Movimento é possível e pode ser uma alternativa interessante aos professores de Educação Física que procuram conteúdos diferenciados que gerem engajamento com a turma, diminuindo a não participação nas aulas e gerando interesse mútuo.

Além disso os Esportes de Aventura apresentam uma nova realidade das praticas corporais e contribuem de forma significativa para o desenvolvimento das habilidades e capacidades motoras dos alunos, além de representarem atividades diferenciadas gerando novas vivencias e experiencias aos alunos. Apesar de que pareçam conteúdos densos e de difícil adaptação, os Esportes de Aventura enquanto prática esportiva, pode trazer benefícios fundamentais para contribuir ao campo de conhecimento da Educação Física de um modo geral, assim como traz uma didática de fácil aprendizado que pode ser acessível a qualquer professor que queira buscar algo novo no campo da Educação Física escolar.

Com o aprofundamento deste estudo e os conceitos discutidos é importante destacar que o corpo não deve ser encarado de forma dicotômica sendo esta visão tornando-o fragmentada. O ser humano deve então ser considerado uma totalidade, uma unidade indissolúvel entre corpo e mente. Nesse sentido tornar-se imprescindível compreender o Homem de forma integrada em todas as suas dimensões considerando o conhecimento plural e interdisciplinar. Assim sendo, compreender, analisar e avaliar os corpos humanos na sociedade é uma tarefa de todos os envolvidos na educação sendo responsabilidade de todas as áreas de conhecimento. Portanto a questão da educação ambiental em relação com o a educação física deve-se se desenvolver pela razão sensível e conectada a um novo olhar sobre o mundo e seus sujeitos, com criatividade, sensibilidades, ludicidade, comprometidos com a ética e em busca de uma melhor qualidade de vida individual e coletiva.

Essas reflexões nos desafiam como educadores a conhecer as demandas de nossos alunos, principalmente a qualidade de vida. É o conhecimento sobre o corpo que nos permite compreender a nossa existência no mundo traduzidos em conceitos, procedimentos e atitudes. Assim as discussões até aqui realizadas nos instigam a afirmar que as práticas que pedagogicamente construímos com nossos alunos podem contribuir para que eles ampliem e enriqueçam o conhecimento prévio sobre seu corpo e sua interação com o ambiente em que está inserido. Basta, portanto, estimulá-las para que esse conhecimento amplie a vivenciarem, política, ética e esteticamente, sua corporeidade, com crítica, prazer e consciência ambiental sendo esse um dos desafios da educação corporal. Essas questões nos desafiam a construir novas formas de intervenção pedagógica que possam efetivamente contribuir para a melhoria da qualidade de vida do homem moderno mobilizada no convívio com a natureza, desenvolvendo sensibilidade de tempo, lugar, patrimônios ecológicos e arquitetônicos, mobilizando também leitura e discernimento da nossa presença na natureza.

REFERÊNCIAS

AURICCHIO, José Ricardo. Escalada na Educação Física Escolar. Orientação adequada para a prática segura. **Lecturas: educación física y deportes, Buenos Aires**, v. 14, n. 139, 2009.

AZEVEDO, E. S. Perfil ambiental do espaço físico destinado à prática da Educação Física: um estudo realizado nas escolas da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas/RS. **Educação Física: textos do XV Simpósio Nacional de Ginástica. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel**, 1995.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 79, 28 abr. 1999.

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Secretaria De Educação Média e Tecnológica - SEMT. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.ucb.br/edfísica/cef/pcnhtml.htm>.. Acesso em 29/07/2020.

BRUHNS, Heloisa Turini; MARINHO, Alcyane. Turismo, lazer e natureza. **São Paulo: Editora**, 2003.

CHERKAOUI, Mohamed. **Sociologie de l'éducation**. Presses universitaires de France, 1986.

COSTA, VL de M. Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário. **São Paulo: Manoele**, 2000.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física na escola. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan**, p. 64-78, 2005.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física Na Escola: Implicações Para a Prática Pedagógica** . Grupo Gen-Guanabara Koogan, 2000.

DE ESTOCOLMO, Declaración. Declaración de la Conferencia de las Naciones Unidas Sobre el Medio Ambiente Humano (Estocolmo, Suecia 5-16 de junio de 1972). 1972.

DOMINGUES, Soraya Corrêa; KUNZ, Elenor; ARAÚJO, Lísia Costa Gonçalves de. Educação ambiental e educação física: possibilidades para a formação de professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 3, p. 559-571, 2011.

FRANCO, Laércio Claro Pereira. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. In: **Anais... 5º CBAA–Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. São Paulo: Editora Lexia**. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GUTIERREZ, Washington. História da educação física. **Porto alegre: Inst Porto Alegre**, 1980.

LEFF, Enrique. Saber ambiental. **Rio de Janeiro: Vozes**, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, S. F. D. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade 19ª ed. 2001.

MORENO, Ricardo Macedo et al. Re-significando o esporte na educação física escolar: uma perspectiva crítica. **Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP**, v. 6, n. 8, 2006.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. **Jundiaí: Fontoura**, 2010.

PEREIRA, Glaucia Guiulia Costa; BEZERRA, Alex Fabiano Santos. Atividades de aventura como prática pedagógica para as aulas de educação física. In: **VII CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA**. 2012, Rio Claro, SP. Anais eletrônicos. Rio Claro: Disponível em: http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/lel/anais_cbaa/VIICBAA.pdf. Acesso: 05/08/2020.

PEREIRA, José M.; MONTEIRO, Luís R. Actividades Físicas de exploração da natureza-em defesa do seu valor educativo. **Rev Horizonte**, v. 69, p. 111-116, 1995.

PEREIRA, Dimitri Wuo; FERRAZ, Osvaldo Luiz; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Escalada. [S.l: s.n.], 2007.

PEREIRA, Dimitri. A Escalada chega na Escola. In: **Anais 11º Congresso paulista de Educação Física, Jundiaí, SP**. 2007.

SANTOS, Edson Arapiraca dos et al. As diferenças entre o Esporte da Escola e o Esporte na Escola. **Revista Treinamento Desportivo, São Paulo**, v. 7, n. 1, p. 21-8, 2006.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

SOARES, Carmen Lucía. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 6-12, 1996.

TAHARA, A.K. Aderência às Atividades Físicas de Aventura na Natureza, no Âmbito do Lazer. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade, **Repositório UNESP**. Rio Claro, 2004.

UVINHA, R. R. Tendências para o turismo de aventura no cenário nacional. **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, p. 269-300, 2005.